

HISTÓRIA E GEOGRAFIA: DIÁLOGOS E SILÊNCIOS*

Jayro Gonçalves MELO**

Resumo: História e Geografia são dois campos disciplinares no universo diversificado das ciências. O diálogo entre geógrafos e historiadores só é possível quando ambos se consideram na história. Se as posturas metodológicas forem de quem está acima ou fora dela, reinará o silêncio, exceto no que diz respeito à reprodução de ideologia.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Método; Subjetividade; Objetividade.

Sou professor de História nesta instituição desde 1972. Em 1974 passei a acumular as obrigações de docência e pesquisa por força do regime de trabalho em tempo integral. Daí para cá tenho convivido com sociólogos, economistas e geógrafos. Nesta década de noventa os laços com estes últimos estreitaram-se ainda mais. Graças à criação do grupo acadêmico coordenado pelo professor Eliseu Savério Sposito, *Grupo Acadêmico Produção e Espaço e Redefinições Regionais* (GAsPERR), tenho conseguido articular-me com mais propriedade a um dos eixos de pesquisa que o configuram. Outra atividade que me faz aproximar da Geografia é a docência nos cursos de graduação, de pós-graduação e, recentemente, de bacharelado. Por essas razões, sinto-me à vontade para emitir opinião sobre o tema proposto, ciente, contudo, de que minhas colocações não são a palavra final mas apenas a deixa para reflexão e troca de idéias.

A Geografia no contexto das ciências sociais: diálogos e silêncios é um tema ao mesmo tempo desafiador e instigante. Desafiador porque não dominamos o *metiér* do geógrafo em todos os seus meandros técnicos. No entanto, o meio universitário em que trabalhamos é composto, na sua maior parte, de geógrafos. A eles devemos considerável parcela de nossa formação acadêmica, pois têm sido nossos interlocutores há muito tempo. Interlocução que se tem estreitado paulatinamente e produzido frutos de trabalho conjunto. O tema é instigante porque estimula-nos à reflexão. Estaria o historiador perdido entre geógrafos? Teria deixado de ser um e outro, isolado e sem identidade? Onde estão os diálogos? Onde os silêncios? Perguntas provocativas, estas.

História e Geografia são dois campos disciplinares cujas aproximações e distanciamentos merecem, por si sós, a atenção do analista da história. Para alguns pesquisadores fora das instituições acadêmicas, a questão da exclusividade do saber produzido por cada um deles não se colocava muito claramente no Brasil. Tome-se o caso de Caio Prado Jr., repellido pelo regime militar dos anos sessenta e setenta no Brasil e oficialmente recusado pelo mundo acadêmico, então patrulado por ideólogos da ditadura. História e Geografia para ele não eram campos excludentes. O autor tinha por meta conhecer o Brasil. Para isso transitava sem qualquer *parti pris* corporativista de uma para outra dessas duas áreas das

* Exposição feita em mesa-redonda realizada na Semana de Geografia. FCT/UNESP. em maio de 1999.

** Departamento de Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - SP - Brasil.

ciência humanas.¹ A universidade, no entanto, produto de forças pautadas nas tradições europeias de tais ciências, notadamente nas tradições francesas, tentou aproximá-las sem deslindar o novelo das contradições na própria ideologia da separação. No lugar de conflitos, viu composição de partes harmônicas. Postura ideológica que manteve, no universo acadêmico, discursos autônomos em suas respectivas competências: o da geopolítica e o da gênese das sociedades e seus conflitos; o do espaço e o do tempo; o do geógrafo e o do historiador.

Por serem inconciliáveis as partes, o curso de História e Geografia instalado na Universidade de São Paulo bifurcou-se, expandindo, de um lado a História e de outro a Geografia.

Quando comecei a trabalhar na Faculdade de Filosofia, ancestral da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, tinha-se por admirável avanço o fato de um historiador dialogar com um geógrafo em razão de seu *métier* historiográfico. Era a conversa entre especialistas. Postura que não desapareceu, pois as distinções ainda continuam grandes. O historiador da academia produz e mantém seu espaço entre os pares historiadores. O geógrafo é reconhecido na contraria dos geógrafos. Há, contudo, algo novo, e não podre, no reino da Dinamarca. Novas gerações de geógrafos têm-se aproximado de outras áreas do saber, no ato de vestir a Geografia de roupa mais adequada a uma ciência que procura nas relações sociais o fulcro de sua constituição e razão de ser. Quando digo novas gerações não excluo antigos geógrafos cujos pensamentos nutrem a ciência de conceitos e teorias inovadoras. No entanto, são as novas gerações que dão suporte humano para a consolidação de práticas científicas que trazem à Geografia uma nova face. Dentre tais práticas, figura com muita clareza aquela da interlocução com outras áreas, interlocução que tende a superar a visão de *compositão* das ciências em um conjunto totalizante, ou seja, enquanto soma de partes que se opõem. Percebe-se, ao contrário, certa inquietação geral em busca de paradigmas que têm na *constituição* das práticas científicas o seu vetor. Desta forma, História e Geografia se superam em função da pertinência do objeto possível nas relações sociais de produção. O recorte, pois, tende a ser o das contradições, do movimento inerente à sociedade de classes. O interesse pela teoria do conhecimento tem aumentado, e a sustentação teórica de procedimentos metodológicos, há algum tempo tidos por já dados e acima de discussões, passa a merecer a reflexão atenta do geógrafo. Ao superar a Geografia ancorada em posturas positivistas, alguns pesquisadores estão conseguindo um patamar de leitura de si mesmos enquanto integrantes do objeto que buscam formalizar. E o fazem, em grande parte, através da dialética. É aí que o encontro com outros campos do saber ultrapassa o universo de simples contatos harmoniosos e se aloja no universo dos conflitos. Senão, como explicar um geógrafo aplicado ao estudo de movimentos sociais, exclusividade antes do sociólogo? Como entender a Geografia voltada para apreensão de denotadores de tempo histórico através dos conceitos de curta, média e longa duração de forjados pelo historiador Braudel? Como justificar a reconstrução histórico-geográfica de sítios urbanos cujas espacialidades se sobrepueram no tempo? Por que, contradições entre capital e trabalho, deveriam chamar a atenção do geógrafo?

¹ O livro *Evolução política do Brasil e outros estudos* contém estudos geográficos sobre a cidade de São Paulo e a respeito da "formação dos limites meridionais no Brasil" etc. Na *Revista Brasileira* ha estudos sobre a questão agrária no Brasil desenvolvidos na década de 60, antes do golpe militar de 1964.

Quando me refiro a dialética, quero chamar a atenção para uma tendência, cada vez mais acentuada na Geografia, de localizar contradições no mundo sensível que permitam formalizações de objetos científicos identificados com a praxis. A ciência deixa de se realizar no espaço asséptico da pretensa neutralidade para exprimir o seu próprio devir enquanto saber voltado para a plenitude do humano. A reflexão interna primeira e última do ser, eis o ponto de partida e de chegada da praxis que elimina, das especialidades científicas, seu caráter de isoladas, exclusivas e corporativas. Para Karel Kosik essa tensão interna, essa contradição detonadora do vir a ser é o real em sua totalidade humana/não-humana. A negação do humano é o movimento gerador de toda a história do homem, ou seja, do homem enquanto contingência de relações sociais. Daí poder-se pensar espaço e tempo como quadro de categorias analíticas que permitam realizar as sínteses, ou seja, os juízos sintéticos, necessariamente *a posteriori*, como disse Kant. História e Geografia, portanto, não têm razão para voltarem-se as costas, para seguirem caminhos opostos. As dimensões temporais e espaciais fazem delas ciências do homem social. Mas isto se tais dimensões forem compreendidas no vértice das relações sociais que são, necessariamente, tensas, conflituosas, instituintes, reificantes e desiguais.

Creio que o xis da questão está no método, no recorte do mundo sensível, na abordagem das coisas que a razão desconhece mas sobre as quais pretende revelar a verdade possível. Se o método não puder incorporar na história do objeto a ser formalizado, o próprio sujeito que conhece, será ineficaz enquanto vetor de ciências. Isto quer dizer que, se Geografia e História, Geografia e Economia, Geografia e Sociologia etc. não se considerarem na história, no seu vir-a-ser enquanto ciências do homem sobre o homem, haverá sempre silêncio e jamais diálogo.

Veja-se o caso dos movimentos sociais no Brasil. O Geógrafo faz o trabalho de campo. Ele consegue ler um movimento social sob a ótica de sua territorialização. É ele que mapeia, que identifica a produção de espaços novos pela ação de sujeitos sociais. Ele consegue ler a paisagem em sua mobilidade, não visível ao olhar despreparado. Ele mergulha no que vê, no que sente, no que toca. Desvela e desmistifica o cotidiano de certezas plenas, de evidências que o olhar confirma. O geógrafo incomoda, quando o objeto que traz à tona é a realidade nua e crua da violência, da crueldade, da exclusão social. As outras ciências sociais também estão voltadas para tais questões. No caso do historiador, mesmo que, aparentemente, ele se isole no passado, a motivação, o *leitmotiv*, estará nesses temas e outros. Silêncios ocorrem quando as dificuldades interpostas pela ideologia não encontram no método a chave de sua solução. Caso contrário, o diálogo sempre será possível.

O que quero dizer com isto. Quero dizer que relações de dominação perpassam nosso *affair* sem que nos demos conta. Na sociedade desigual em que vivemos, quando menos percebemos, reproduzimos as subjetividades inerentes ao universo ideológico de saberes travestidos de objetivos. E a presunção do saber e da competência, elide o diálogo e a criatividade. É difícil avançar quando se escorrega nas próprias certezas. Ficamos nelas, por elas e para elas. Não sentimos necessidade de dialogar, porque paralisamos o tempo. Não há mais movimento. Não há mais mudança provável. No entanto, se o que perseguimos é o objeto latente nas relações sociais, temos que admitir nossos limites históricos e a necessidade do diálogo. Só então rompem-se os silêncios.